

Concorrência estatal dificulta empresários

por Judith Mota
de Brasília

O governo federal é, ao mesmo tempo, um grande cliente e o maior concorrente das empresas que atuam no setor editorial e gráfico em Brasília. Os empresários reclamam, ainda, da mão-de-obra ("é cara e malpreparada"), além da falta de produção local de matéria-prima. O papel acaba vindo de outros estados, com preços maiores e prazos pequenos para pagamento.

O lucro do setor fica comprimido entre as obrigações com empregados e matéria-prima e a necessidade de oferecer prazo de pagamento ao cliente. Como consequência da crise econômica, está havendo queda na demanda e as empresas precisam garantir facilidades para manter a clientela. Além disso, os empresários vêm reduzindo a margem de lucro.

PREÇOS FINAIS REDUZIDOS

O mercado é enriquecido pelos serviços prestados ao governo, mas é também limitado pela concorrência das gráficas estatais, que absorvem grande parte do trabalho. A grande queixa dos empresários em relação a estas gráficas é de que elas apresentam preços finais muito reduzidos e até mesmo irreais, e acabam, por concentrar os clientes, o que faz com que a disputa se intensifique.

A solução encontrada pelas empresas está sendo diversificar os serviços oferecidos. O empresário Hilton Mendes, da HP Mendes, conta que vem modificando o perfil de sua em-

presa para se enquadrar em diferentes nichos do mercado. Há dois anos ele alterou a estrutura da gráfica, que passou a abrigar também serviços de fabricação de embalagens. Além das embalagens tradicionais para indústrias, vão ser produzidas também embalagens para cestas de Natal, aproveitando a demanda de final de ano.

Mendes argumenta que "o governo deixou de ser o melhor cliente". A saída foi apostar em um aquecimento a curto prazo da indústria em Brasília. Não houve melhora significativa, mas a empresa está conseguindo manter regularidade no trabalho, por oferecer produtos diferentes.

DEMANDA ESTAGNADA

O projeto do empresário era mais ambicioso e acabou sendo frustrado. "Tinha feito até um projeto de ampliação, mas acabei jogando fora", reclama. Mendes afirma que a demanda está estagnada. "Não tenho nenhum novo cliente significativo faz tempo", diz, ressaltando que, como não houve diminuição, não foram feitos cortes de pessoal.

Segundo pesquisa realizada pela Federação das Indústrias de Brasília (Fibra), no período de julho a setembro deste ano, a utilização da capacidade instalada se manteve baixa, mas estável, em 48%. Houve estabilidade também no volume de produção na maioria das empresas (64%). O setor é representado por cerca de 170 empresas, totalizando quase 4 mil trabalhadores.